

e3793

Data de submissão:

14/02/2018

Data de aprovação:

18/09/2018

Data de publicação:

09/11/2018

Editoras de seção e

organizadoras do

dossiê:

Cintia Kütter e Claudia

Barbieri Masseran



O testemunho como representação marginal em *Estação Terminal, de Sacolinha*

Ana Paula Franco Nobile Brandileone

<http://orcid.org/0000-0001-5446-3957>

Universidade Estadual do Norte do Paraná, Centro de Letras,
Comunicação e Artes – Cornelio Procopio, Paraná, Brasil.

Anna Karla Veiga

<http://orcid.org/0000-0001-7840-6092>

Universidade Estadual do Norte do Paraná – Cornelio Procopio,
Paraná, Brasil.

RESUMO

Considerando que um dos temas que mais tem se destacado na narrativa brasileira contemporânea é a da realidade marginal e/ou periférica, este artigo tem por objetivo investigar como se dá esta representação no romance **Estação Marginal**, de Sacolinha, a partir do viés testemunhal. A relação entre a Literatura marginal e a de testemunho se dá a partir de alguns traços configuradores, como o registro em primeira pessoa; o compromisso com a verdade e a lembrança; a vontade de resistência; a representação de um evento coletivo; a forte presença do trauma e a condição de minoridade (SELLIGMANN-SILVA, 2003).

Palavras-chave: Literatura Marginal. Literatura de Testemunho. Estação terminal.

The testimony as marginal representation in *Estação Terminal*, by Sacolinha

ABSTRACT

Considering that one of the most prominent themes in contemporary Brazilian narrative is that of marginal and / or peripheral reality, this article aims to investigate how this representation occurs in the novel **Estação Marginal**, by Sacolinha, based on the testimonial slant. The relation between marginal literature and that of evidence comes from some configurative traits, such as the first person record; the commitment to truth and remembrance; the will of resistance; the representation of a collective event; the strong presence of trauma and the condition of minority (SELLIGMAN-SILVA, 2003).

Keywords: Marginal Literature. Evidence's Literature. Estação terminal.

A ESCRITURA PERIFÉRICA E A LITERATURA DE TESTEMUNHO

O ponto de partida da discussão deste artigo encontra-se na Literatura Marginal, que “[...] apesar de carregar consigo marcas visíveis de sua origem periférica, possui presença viva no cenário das práticas discursivas que integram o atual campo literário brasileiro, sejam quais forem suas conotações simbólicas para os respectivos produtores e receptores” (ESLAVA, 2004, p. 37). Para Eslava, a Literatura Marginal se movimenta num território no qual vão se misturar, sem maiores distinções formais, a vontade documental, a força do testemunho e a ficcionalização das experiências vividas pelos próprios autores marginais, gerando dúvidas sobre os parâmetros críticos pertinentes para abordar o fenômeno literário nas suas verdadeiras dimensões, uma vez que esta produção literária não está assentada em padrões canônicos.

Considerando que a atuação dos escritores não se dissocia da participação política, que implica em uma atitude de intervenção na realidade, tendo em vista um projeto de transformação social, é que a literatura marginal inscreve-se sob a marca da contestação, da resistência, haja vista a atenção destinada a temas traumáticos vinculados à violência urbana e à vulnerabilidade social sofrida pelos sujeitos periféricos, como moradores de ruas, prostitutas, presos, ex-presos, que narram a partir de suas próprias experiências de vida.

Sob esta perspectiva, a Literatura Marginal opera segundo um caráter híbrido, entre o referencial, dado pelo discurso biográfico do autor, que utiliza a sua própria trajetória de vida como matéria fundante de sua produção ficcional, e o discurso propriamente ficcional da narrativa, daí o caráter testemunhal da produção literária marginal que, segundo Coronel:

[...] envolve a palavra que emerge da exclusão social, adquirindo grande importância nos estudos de literatura de minorias por iluminar alguns de seus traços constitutivos mais significativos. É, portanto, perfeitamente aceitável associá-lo à produção literária dos autores periféricos da cena brasileira contemporânea. (CORONEL, 2013¹).

De acordo com a autora, a escrita marginal aproxima-se da vertente testemunhal pela semelhança entre o cotidiano violento da periferia e a realidade brutal de guerra, por exemplo. Sendo que em ambas as situações o narrador é um sobrevivente que testemunha

¹ O artigo não possui paginação.

o que viveu. Portanto, o testemunho é um relato e a testemunha é aquela que viveu a experiência, sendo esta uma sobrevivente.

Desse modo, o testemunho parte de um trauma, o qual, segundo Salgueiro (2015), é uma ferida aberta no corpo e na alma, gerada por acontecimentos violentos que devem ser escancarados pela memória. Deste modo, o testemunho é uma forma de passar a limpo a vida e, por isso, o texto se tinge de reflexão problematizadora. Neste sentido Selligmann-Silva afirma que

A experiência traumática é, para Freud, aquela que não pode ser totalmente assimilada enquanto ocorre. Os exemplos de eventos traumáticos são batalhas e acidentes: o testemunho seria a narração não tanto desses fatos violentos, mas da resistência à compreensão dos mesmos. (SELLIGMANN-SILVA, 2003, p. 48).

A experiência traumática normalmente é associada a uma condição individual, contudo, os eventos traumáticos remetem essencialmente ao coletivo. Exemplo disso são as grandes tragédias e catástrofes, como guerras, terremotos, tsunamis, interpretados, não raro, como uma espécie de cicatriz, que torna visível as doenças da sociedade, desigual e violenta. Nesse contexto, para Salgueiro, a noção fundadora do testemunho assume um caráter amplo:

Vem da chamada “literatura do Holocausto”, emblemática pelos relatos de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, [...]. O alargamento desta noção inclui também sua utilização em direção ao passado, como por exemplo, em relação aos genocídios e massacres contra índios e negros; ou em relação à miséria e opressões, desigualdades econômicas, preconceitos étnicos e sexuais do cotidiano em todo o mundo. (SALGUEIRO, 2015, p. 125).

Além disso, assinala o estudioso, são consideradas obras de testemunho quando são tênues os limites entre estética e ética, entre verdade e ficção, entre realidade e representação. Por isso, o testemunho é um relato, depoimento, documento e/ou registro, verbal ou não-verbal, no qual a testemunha é, em última instância, aquela que viveu uma experiência traumática e sobreviveu a ela.

No que se refere à produção literária do Holocausto, há muitos relatos que são exemplares no retrato de experiências decorrentes de genocídios e massacres vividos, na maioria das vezes, nos campos de concentrações. Dentre eles, pode-se mencionar *O diário de Anne Frank*, de 1947, que descreve as angústias e a vida cotidiana dos moradores do chamado Anexo Secreto, local no qual Anne e sua família se esconderam da perseguição nazista. Das experiências vinculadas às perseguições nazistas, pode-se também citar *O diário*

de Helga, de 2013, relato escrito pela protagonista, parte dele redigido ainda durante o período em que esteve no campo de concentração e, outra parte, após o término da guerra.

Além das obras escritas sob o impacto da Segunda Guerra Mundial, vale destacar o testemunho *Meu nome é Rigoberta Menchú e assim nasceu a consciência*, escrito por Elisabeth Burgos (1983), a partir de entrevistas concedidas por Rigoberta, uma indígena guatemalteca do grupo Quiché-Maia. Segundo Penna (2013), Rigoberta, em depoimento a Burgos, relatou, dentre outros aspectos, sua vida de trabalho, desde os cinco anos de idade, numa plantação de café e que, devido às condições insalubres, irmãos e amigos foram a óbito. Para o crítico, obras como *Meu nome é Rigoberta Menchú* são uma forma, de discutir em escala mundial, sobre a viabilidade de uma “compensação” para os povos que sofreram injustiças históricas nas mãos de grandes potências, em nome do progresso da humanidade.

No Brasil, as obras de cunho testemunhal são associadas ao autoritarismo, principalmente aos anos de governo da ditadura militar; é o caso de *Memórias do Esquecimento*, de Flávio Tavares, publicado em 1999. É um livro que conta as experiências e vivências do próprio Tavares, que foi um dos presos libertados em troca do embaixador dos Estados Unidos. O livro traz detalhes de sua tortura e exílio (PENNA, 2013).

Há ainda uma literatura escrita por presos ou ex-presos sobre a prisão. Algumas destas narrativas compõem o painel do testemunho carcerário brasileiro recente, em torno do massacre do Carandiru, como *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes (2001); *Diário de um detento: o livro*, de Jocenir (2001); *Pavilhão 9 - Paixão e morte no Carandiru*, de Homany Ramos (2001); *Letras de liberdade*, coletânea de contos com 15 histórias escritas pelos próprios detentos, de 2001; *Enjaulado: o amargo relato de um condenado pelo sistema penal*, de Pedro Paulo Negrini (2002); *Sobrevivente André du rap - Do massacre do Carandiru*, de Bruno Zeni (2002). Um dos autores de *Letras de Liberdade*, Humberto Rodrigues, lançou também, em 2001, *Vidas do Carandiru: histórias reais*. Ocupando o mesmo nicho editorial, figura ainda *Cela forte mulher*, publicado em 2003, que põe à mostra o relato de um experimentado jornalista, Antônio Carlos Prado, voluntário em presídios por vários anos, sobre mulheres presas.

Na mesma chave de leitura, encontra-se *Pavilhão 9 e Sobrevivente André du rap*, por exemplo, uma vez que tanto Hosmany Ramos quanto Bruno Zeni atuaram como “tradutores” da memória dos sobreviventes do Carandiru, seja do relato do massacre

contado por Milton Marques Viana, seja transcrevendo as fitas das entrevistas com André du Rap, bem como suas cartas e letras de rap, respectivamente. Ainda que Penna afirme que “É enquanto tradução de uma escruta ativa que o testemunho deve ser, antes de mais nada entendido” (2013, p. 150), mais à frente, entretanto, o autor reconhece que as obras testemunhais nem sempre devem ser compreendidas como uma parceria entre o sobrevivente e alguém que transcreve ou traduz o testemunho oral que lhe foi prestado, como é o caso de *Memórias de um sobrevivente*.

Ainda que o objeto de estudo aqui em análise, *Estação Terminal*, não traga à tona a discussão sobre o sistema prisional brasileiro e seus desdobramentos e/ou os relatos de tortura sofridos nos tempos da perseguição nazista ou da ditadura militar no Brasil, têm em comum com aquelas obras, além da relação entre literatura e verdade e de remeter a uma situação coletiva, ser a expressão de sujeitos sociais até então sem voz e sem vez, já que grupos históricos e socialmente desfavorecidos. Desse modo, apresenta-se, igualmente, como um texto que emerge para dar voz às minorias sociais. Não por acaso a atenção da produção literária periférica se volta para temas como a miséria, a fome, a desigualdade social e a violência urbana, os quais se assentam na noção fundadora do testemunho, apontada anteriormente por Salgueiro (2015). Sob esta perspectiva e, considerando os traços configuradores expressos por Selligmann-Silva (2003), que o movimento literário marginal encontra eco na vertente testemunhal. Discussão para o próximo tópico.

ESTAÇÃO TERMINAL: testemunho periférico

Antes de passar propriamente à análise do romance a fim de verificar como se dá a representação da realidade periférica, especialmente no que tange ao caráter testemunhal da obra, a seguir breves considerações sobre a vida e a produção literária de Sacolinha.

Ademiro Alves ganhou o apelido de Sacolinha ainda na infância; adotado desde os primeiros textos produzidos (NASCIMENTO, 2009). Nascido em 1983, cresceu no bairro de Itaquera, localizado na região leste da cidade de São Paulo.

A experiência escolar foi vivida no ensino público. Em 2003, foi contemplado com uma bolsa de estudo para o curso técnico de informática, mas desistiu para concluir seu primeiro romance. *Graduado em Marginalidade* foi rascunhado entre os meses de abril a dezembro de 2003, nos intervalos entre o trabalho de cobrador na lotação, que iniciou aos

9 anos de idade, e o curso técnico de informática, mas publicado somente em 2005. Como a edição do livro foi independente - edição de 500 exemplares bancada pelo próprio autor - ele mesmo se encarregou de vendê-lo utilizando o *blog* do projeto Literatura no Brasil; principal veículo de divulgação de sua produção literária.

Também importante protagonista da cena da literatura marginal, ao lado de Ferréz e Sérgio Vaz, Sacolinha idealizou e organizou, em 2002, o projeto Literatura no Brasil, que teve como objetivos iniciais a divulgação da produção literária de escritores profissionais e amadores desconhecidos do público e a promoção da leitura na periferia. Para Nascimento, Cooperifa, Movimento 1daSul e Literatura no Brasil são

[...] veículos fundamentais na divulgação e positivação da “cultura da periferia” por agregar às suas atividades os conceitos de autoestima e autogestão, são, do mesmo modo, espaços importantes, criados pelos próprios escritores, para a circulação e a legitimação da produção literária que emergiu das periferias. (NASCIMENTO, 2009, p. 321).

Sacolinha também militou no movimento *bip hop*. Fez parte da comissão de uma entidade em Suzano, voltada para a divulgação para a organização dos grupos locais ligados ao *rap*, ao grafite e ao *break*. Também comandou um programa na rádio comunitária, “Comunidade FM”, na região do Alto do Tietê, que propagava o *rap* e outros ritmos, bem como informava fatos de interesse geral para a população. Este programa teve um papel importante na trajetória literária de Sacolinha, porque nele veiculou seus primeiros textos, que foram classificados, pelo próprio escritor, como “Textos de revolta”, por terem cunho jornalístico apontando para problemas sociais (NASCIMENTO, 2009).

Antes da publicação de seu primeiro romance, teve um dos seus contos publicado no Ato III da revista **Caros Amigos** que representa “[...] um importante marco na formação e estruturação desse grupo de autores, favorecendo a formação de um espaço discursivo próprio dentro da série literária hegemônica” (PATROCÍNIO, 2013, p. 16). A este respeito afirma Nascimento:

A trajetória de Sacolinha como escritor profissional teve início com a publicação do conto “Um dia comum”, na terceira edição da *Caros Amigos/ Literatura Marginal*, em 2004. Como o escritor conhecia as outras duas edições publicadas nos anos de 2001 e 2002, e já havia estabelecido contato com Ferréz numa palestra, decidiu enviar para avaliação um conto inspirado em elementos autobiográficos, valendo-se do espaço aberto pela revista para escritores da periferia divulgarem nacionalmente seus trabalhos sob a rubrica literatura marginal. (NASCIMENTO, 2009, p. 223).

Em 2005, o autor participou do volume 28 dos *Cadernos Negros*, coletânea dedicada à publicação de textos, em verso e prosa, exclusivamente de autores afrodescendentes. Em 2006, Sacolinha lançou a coletânea de contos, *85 letras e um disparo* e, em 2010, *Estação Terminal*, objeto de análise deste trabalho.

A obra *Estação Terminal* divide-se em cinco partes e se passa entre os anos de 1995 e 2006. A primeira parte apresenta cinco personagens que convivem no Terminal Itaquera-Corinthias: Pixote, Gago, Mastrocolo, Maria José e Cadeirinha. A cada personagem é dedicado um capítulo, nos quais o narrador protagonista relata suas histórias, desafios e conflitos, bem como a vida cotidiana no Terminal. A segunda parte traz à tona os problemas relacionados à estrutura e ao seu funcionamento, como a presença de ambulantes e moradores de rua; também dilemas enfrentados por pessoas que ali o frequentavam diariamente. Já a terceira parte põe o dedo na ferida ao pôr à mostra o perigo a que estavam expostos os passageiros do transporte de peruas clandestinas. Nesta parte da narrativa, os personagens Pixote, Gago e Mastrocolo assumem relevância. A quarta parte revela a máfia de policiais que assombrava o Terminal e os perueiros. Aqui, outros dois personagens, os policiais corruptos Arilson e Helton Lima, têm protagonismo. A quinta e última parte narra o fim do transporte clandestino e o desfecho de cada um dos personagens.

De caráter memorialístico, o romance assume forte teor autobiográfico, já que o narrador é, em última instância, Sacolinha, o autor, que recompõe o seu passado a partir da estória de cada um desses sete personagens - Pixote, Gago, Mastrocolo, Maria José, Cadeirinha, Arilson e Helton Lima. A vida de cada um deles se cruza com a do narrador protagonista, sendo o Terminal o elo entre eles.

Pixote trabalhava como fiscal no Itaquera e ajudava todos seus amigos. Teve uma vida difícil, pois com seus pais presos, foi levado para adoção. Viveu em duas casas, mas não se adaptou a nenhuma delas e acabou fugindo; decidiu que levaria uma vida solitária. Ajudou Gago a sair de um problema com o transporte clandestino e, assim, ganhou sua amizade e o emprego de fiscal. Acaba morto, confundido com um bandido.

Gago era do Mato Grosso do Sul e veio tentar a vida em São Paulo. Trabalhava na dificuldade dos outros - em uma enchente arrumava as portas de metais, em uma manifestação consertava as vidraças quebradas - e, desse modo, sobrevivia, mas sempre acabava perdendo tudo, seja para pagar cuidados médicos ou por causa do Plano Collor.

Entretanto, Gago sempre se reerguia, foi assim que ficou dono de uma grande linha do transporte clandestino no terminal. No final acaba retornando para sua terra, sem dinheiro e sozinho.

Mastrocolo é um dos personagens que mais sofre no romance. Quando jovem foi preso e torturado por desacatar um policial; fizeram-no assumir a culpa por violações de crianças, o que o levou a ser também violentado na cadeia. Depois de doze anos é solto e passa a trabalhar como motorista no terminal; seu desejo de vingança, entretanto, sempre permaneceu.

Maria José veio de Minas Gerais, sempre religiosa, mesmo depois de casada. O filho, quando nasceu, assustou os médicos pelo tamanho desproporcional. Procurou inúmeros médicos para tentar descobrir o distúrbio do filho, que acabou morrendo aos doze anos. A sua trajetória de vida é marcada por um sonho: de forma recorrente sonha que Jesus irá buscá-la no Terminal. Por isso, passa seus dias esperando ser resgatada de sua vida miserável.

Já Cadeirinha é vendedor no Terminal; deficiente físico. Sua deficiência é decorrente de um acidente que sofrera: caiu do trem. Segue a vida vendendo balas ali mesmo, no Terminal. No final do livro, descobre-se que ele, ainda que tentasse evitar, abusava de crianças; acaba preso.

Arlson e Helton Lima são policiais corruptos que armam um plano para dominar o transporte clandestino de peruas. Ninguém conseguia confrontá-los; qualquer um que se metia com eles acabava morto. Apesar da parceria entre eles Helton Lima torna-se amante da mulher de Arlson. Juntos, amigo e mulher, arquitetam um esquema para matá-lo; acabam ficando com todo o negócio.

A partir das histórias desses personagens, que se ligam ao mesmo espaço social, o Terminal Corinthians-Itaquera, e ao narrador protagonista, é que se apresenta uma das características marcantes da Literatura de testemunho, que é o compromisso com a verdade e com a lembrança. No prefácio, escrito de próprio punho, Sacolinha afirma que o romance foi elaborado a partir da sua experiência de vida:

O tema central do livro foi vivido por mim durante doze anos. Trata-se da história do Terminal Corinthians - Itaquera e dos problemas que o cercam, como transporte clandestino, os ambulantes, os moradores de rua que vivem ali, os pedintes, a máfia dos policiais e a máfia dos transportes. (SACOLINHA, 2010, p. 09).

Entretanto é categórico em afirmar “[...] que o livro é ficção, mesmo baseado em todos esses fatos” (SACOLINHA, 2010, p. 10). Assim, ainda que o livro esteja, em parte, alicerçado em fatos vivenciados, não se obriga a figurar a realidade tal como ela se deu, pois é antes de tudo ficção. Este aspecto encontra ressonância nas considerações de Seligmann-Silva (2007) no que se refere à frágil fronteira entre a ficção e a realidade da Literatura de testemunho. Segundo o autor, o teor testemunhal não pode ser concebido como um registro do “fato como ele foi”:

Nos estudos de testemunho deve-se buscar caracterizar o “teor testemunhal” que marca toda a obra literária [...] esse teor indica diversas modalidades de relação metonímia entre o “real” e a escritura. Em segundo lugar, esse “real” não deve ser confundido com a “realidade” tal como ela era pensada e pressuposta na chave pelo romance realista naturalista: o “real” que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do *trauma*, de um evento que justamente resiste à representação. (SELIGMANN-SILVA, 2007).

O filho eterno, de Cristovão Tezza, pode ser compreendido por semelhante chave de leitura no que se tange a este limiar entre fato e ficção. O romance, publicado em 2007, também possui um caráter fortemente confessional pois relata a reviravolta na vida do personagem protagonista após o nascimento do seu primeiro filho, uma criança com Síndrome de Down. Sobre a obra de Tezza, Schollhammer afirma que o livro não pode ser considerado uma autobiografia, mas uma ficção que utiliza fatos e experiências já vividas: “[...] no momento em que se aceita e se assume a ficcionalização da experiência autobiográfica, abre-se mão de um compromisso implícito do gênero, a sinceridade confessional, e logo a autobiografia se converte em autobiografia fictícia, em romance autobiográfico, ou simplesmente em autoficção” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 107).

Este caráter fronteiro entre autobiografia e romance, entre ficção e não ficção, está expresso em uma situação narrativa no romance, na qual Vanete Freitas, então candidata à reeleição pelo município de São Paulo, não consegue se reeleger: “Era tempo de eleição para vereador e prefeito. Nesse ano de 2004 [...]. Outro fator que surpreendeu muita gente foi a derrota da prefeita Vanete Freitas, que tentava a reeleição” (SACOLINHA, 2010, p. 129). Apesar da vertente ficcional da obra, segundo declaração do próprio autor, Vanete de Freitas é, na possibilidade (in)esperada de real, Marta Suplicy que, em 2004, perdeu para José Serra, candidato tucano, 54,86% a 45,14%². Também a dedicatória do romance, remete ao teor autobiográfico da narrativa: “Dedicado a Luis

² <http://www1.folha.uol.com.br/folha/espacial/2004/eleicoes/>

Carlos Cabral de Arruda, o Gago”; lembrando que Gago é um dos seus personagens centrais da obra.

O que fica desse episódio narrativo e da dedicatória é a impossibilidade de firmar e confirmar um limite entre o real e o ficcional, já que as teias entre a verdade e a ficção não podem ser desembaralhadas, já que o romance se inscreve, ao mesmo tempo, como fato e ficção ou, como quer Schollhammer (2011), “autobiografia fictícia”. Não por acaso, o autor afirma, ainda no prefácio, que dedicava até seis horas diárias à produção do romance, não apenas escrevendo, mas também procurando notícias, ouvindo músicas, tentando, enfim, reviver os anos em que trabalhou como cobrador de lotação: “Nestes últimos tempos dediquei cerca de seis horas diárias à produção deste novo romance, o *Estação Terminal*. Ficava até às duas ou três da manhã escrevendo, deletando, refletindo, criando fatos e pesquisando” (2010, p. 09).

Ativando a memória para reconstituir os longos 12 anos que trabalhou como cobrador, Sacolinha, distanciado no tempo, abrange com o olhar parte de sua vida, procurando recapitulá-la, rememorar-la, contando-a para si e para nós, leitores:

[...] estou (re)ouvindo diversas músicas para voltar de verdade a esta época, que presenciei mortes de dezenas de amigos e passageiros, por conta do olho grande de muitos motoristas, e de policiais mafiosos que tomavam de assalto linhas de lotação para enriquecer. (SACOLINHA, 2010, p. 10).

Na esteira do traço anteriormente apresentado, outro elemento configurador, da Literatura de testemunho, segundo Selligmann-Silva (2003), é o registro na narrativa em primeira pessoa (SELLIGMANN-SILVA, 2003), como é possível verificar no trecho a seguir: “Nem vou citar os rendimentos da lotérica que além dos seus famosos jogos, ainda recebiam o pagamento de centenas de contas, enquanto aguardavam sua condução, aproveitavam para pagar” (SACOLINHA, 2010, p. 64). Ou ainda: “Diante de todas essas manifestações que narrei até agora, deu pra perceber que ali no Terminal não existe a turma do deixa disso, pelo contrário, as pessoas incitam as confusões” (SACOLINHA, 2010, p. 70). Em ambos os excertos, verifica-se o emprego da primeira pessoa do singular – “vou” e “narrei” -, o que implica em uma narração pautada em uma situação individual, que põe em destaque a voz de um personagem masculino que conta uma história atualizada através da memória. Narrando de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos, faz descortinar as suas impressões a respeito do que vivenciou, explorando elementos do cotidiano no Terminal Itaquera-Corinhias para

arrolar os conflitos que cercavam a vida daqueles indivíduos, sobretudo Pixote, Gago, Mastrocolo, Maria José, Cadeirinha, Arilson e Helton Lima, assumindo, assim, como se verificará mais adiante, um viés coletivo.

Dentre estes conflitos, destacam-se aqueles relacionados à estrutura e/ou aos frequentadores que, não raro, trazem perturbações ao local. A morte de amigos e conhecidos são expostos como resultado da ganância de donos e motoristas de lotação, bem como de policiais corruptos, cujo único objetivo é o de enriquecer. Na citação abaixo, a morte de muitos passageiros está centrada em uma disputa: a perua que chegasse primeiro no Terminal completaria a lotação com os passageiros que aguardavam, ou seja, lucraria mais. Por conta disso, acidentes com peruas eram recorrentes:

No dia seguinte à invasão, dois novos perueiros disputavam quem chegava primeiro no Terminal, quando um deles, com a perua lotada, adentrou a Rua do Contorno e perdeu a direção. Chocou-se a noventa quilômetros por hora numa pilastra que sustentava a passarela. Todos que estavam na perua morreram na hora. Um marreteiro que montava seu carrinho de mercadorias ao lado da pilastra acabou sendo atingido pela porta da perua lançada em sua direção. (SACOLINHA, 2010, p. 88).

A presença de policiais corruptos é outra constante em *Estação Marginal*:

Numa sexta – feira de janeiro de 1998, dois policiais, que há muito vinham observando, a movimentação da linha de lotação Cohab José Bonifacio, chegaram à paisana no ponto desta linha e chamaram Tertúlio, o dono, para uma conversa em particular. No início ele pensou que se tratava de fabricantes de vale – transportes falsos que queriam fazer negócio. Mas surpreendeu-se quando um deles, mexendo na cintura disse: Seguinte: a partir de amanhã essa linha é nossa, e se você quiser continuar rodando nela, vai ter que pagar aluguel. (SACOLINHA, 2010, p. 87).

Enquanto os policiais reivindicavam tomar posse da linha de lotação, o filho de Tertúlio chegou e, ao tomar consciência do que estava acontecendo, recusou-se a entregá-la aos policiais. Foi então que Helton Lima o ameaçou com uma granada. Com o negócio acertado, ainda que à revelia de seus verdadeiros donos, Helton e Arilson exigem que um recado seja dado aos seus agora subordinados: “Arilson mandou os dois passarem o recado a todos daquela linha, caso alguém não aceitasse que fosse embora de vez. No dia seguinte o fato corria junto com a notícia de que um perueiro da linha fora assassinado” (SACOLINHA, 2010, p. 87).

Este conjunto de fatores, que resulta em ferida aberta, é que produz o desejo de enunciação e, portanto, de transformar experiência em linguagem: “A escrita não é aqui lugar dedicado ao ócio ou ao comportamento lúdico, mas ao contato com o sofrimento e

seus fundamentos, por mais que sejam, muitas vezes obscuros e repugnantes” (GUINSBURG, 2012, p. 55). Em outras palavras, trata-se de um trauma, que é revivido pela presentificação das lembranças; outro elemento configurador da Literatura de testemunho e que se inscreve em *Estação marginal*. Vasculhar na memória as perdas sofridas naquele lugar é colocar o dedo na ferida: “Nenhum de vocês sabe o tamanho dessa dor, muito menos a quantidade de lágrimas que derramei nessas madrugadas de criação de romance” (SACOLINHA, 2010, p. 10). Este trauma, na Literatura Marginal, “[...] é um mergulho no cotidiano e nos processos íntimos que envolvem afetos básicos de dor, medo, melancolia e desejo aparece, assim, na literatura contemporânea [...]” (SCHOLHAMMER, 2009, p. 117).

Ainda que as situações acima apresentadas não envolvam diretamente o autor/narrador, é preciso, segundo Seligmann-Silva (2003), manter um conceito aberto da noção de testemunho, o que implica reconhecer que o trauma possui mão dupla: é a narração daquele que o viveu e, portanto, confessa-o, mas também daquele que testemunha, que ouve a narração insuportável do outro e que leva estas palavras adiante, como num revezamento, a história do outro. Assim, Sacolinha não só é aquele viveu o martírio, como também aquele que o presenciou.

Um outro traço que determina a Literatura de Testemunho e que aqui se manifesta é que o trauma vivenciado e testemunhado se está associado a uma condição individual ganha, entretanto, alcance coletivo, a partir da qual não apenas requer resistir, mas, pela rememoração, quer transmitir o que viu e viveu. Assim sendo, Sacolinha utiliza de sua memória individual para representar o coletivo, isto é, representar indivíduos que enfrentam conflitos semelhantes no terminal Corinthians-Itaquera, de ontem e hoje. Sob esta perspectiva afirma Seligmann-Silva: “O testemunho possui um papel aglutinador de um grupo de pessoas que constroem a sua identidade a partir dessa identificação com essas ‘memórias coletivas’ de perseguições, de mortes e dos sobreviventes” (SELIGMANN-SILVA, 2007³).

O comprometimento da narrativa com valores coletivos, está expresso, por exemplo, no seguinte trecho: “Creio que somente eu, ao ouvir essas músicas, por ter vivido doze anos nesse lugar e agora relembro momento por momento através de minhas

³ O artigo não possui paginação.

anotações e de lembranças, sofro com tudo, por tudo e por todos” (SACOLINHA, 2010, p. 11). Desse modo, segundo defende Jaime Guinsburg:

O testemunho pede a elaboração de um novo conceito de representação, ligado ao estabelecimento de identidades políticas. É necessário diferenciar narrativas que postulam uma experiência “individual e particular”, na autobiografia tradicional, e “a formação de uma subjetividade coletiva de testemunho”. (2012, p. 59).

O fato de o conceito de testemunho estar vinculado à coletividade arrasta a narrativa para outro aspecto da Literatura de Testemunho: a condição de minoridade (SELIGMANN– SILVA, 2003). Este aspecto está intimamente ligado àqueles indivíduos que, calados pela opressão de seu trauma e/ou silenciadas pelo seu passado de dor, têm o poder da voz. É o que Sacolinha, logo na apresentação do livro, afirma: “[...] é necessário recontar literariamente para dar espaço e voz aos vencidos” (SACOLINHA, 2010, p. 10). Ao dar voz a sujeitos que, como ele, pertencem ao um grupo de marginalizados, “[...] significa assumir que aos excluídos cabe falar e, além disso, definir seus próprios modos de fazê-los” (GUINSBUG, 2012, p. 59), definindo, assim, “Estudar o testemunho”, afirma o estudioso. Pode-se, ainda, dizer que esta obra, de cunho marginal, encontra na Literatura de testemunho um veículo para liberar sua voz, e “[...] prestar testemunho, um imperativo para os sobreviventes” (PENNA, 2012, p. 142). Desse modo, a Literatura Marginal assume os contornos da Literatura de testemunho, associação que se faz também pelo fato de o sujeito marginal utilizar seu próprio discurso para trazer à tona o seu trauma, resultado do “[...] cotidiano das classes populares, [d]a violência urbana, [d]a carência de bens e equipamentos culturais, [d]as relações de trabalho e [da] precariedade - sempre calcados numa ideia comum sobre o espaço social da periferia” (NASCIMENTO, 2009, p. 76-77).

Nesse contexto é que o testemunho do trauma requer de um lado expor a ferida e, de outro, ser símbolo de resistência, já que “Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia” (BOSI, 2002, p.118). Assim, a palavra resiste à dor, às mágoas e aos conflitos rememorados e relatados no romance porque

Na escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa “vida como ela é” é, quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida. (BOSI, 2002, p. 130).

Considerando, pois, que a Literatura Marginal “[...] não se baseia apenas no texto literário”, mas sim no movimento que o discurso opera “[...] tratando a literatura como veículo de intervenção social” (PATROCÍNIO, 2013, p.18), é que *Estação Terminal* se enquadra nas narrativas que esbarram em critérios éticos e/ou políticos, denominadas “narrativas de resistência”. Embora os conceitos de arte e os conceitos da ética e/ou da política não devessem se misturar, alerta Bosi, é certo que a translação de sentido da esfera ética para a estética é, em muitos casos, irrefutável; caso do aqui romance em análise. De cunho intervencionista e, portanto, comprometida com a transformação social, a escrita literária de Sacolinha gera de um lado o questionamento e a revisão de valores e condutas, convidando o leitor a tomar um posicionamento crítico e de combate a um discurso que rejeita o excluído social, já que o contato com esta representação opera o desenvolvimento de uma capacidade reflexiva sobre si mesmo e o mundo e, de outro, abre espaço para a contestação e a denúncia.

Instrumento de verdade humana e que, por isso, a literatura deve recontar, para que a linguagem e a escrita, segundo Seligmann-Silva (2003), mantenham a memória, *Estação Marginal* possui um objetivo muito claro que deve ser cumprido e para a qual a palavra, instrumento de luta, assume imprescindível “missão”:

Creio que somente eu, ao ouvir essas músicas, por ter vivido doze anos nesse lugar e agora lembrando momento por momento através de minhas anotações e de lembranças, sofro com tudo, por tudo e por todos. Nenhum de vocês sabe o tamanho dessa dor, muito menos a quantidade de lágrimas que derramei nessas madrugadas de criação desse romance. Talvez porque eu seja muito sensível. Mas bem sei o que vi, e algumas coisas só entendi depois, porque comecei a trabalhar lá com oito anos de idade. Quem sabe, ao ler este livro vocês também sintam essa angústia. Se isso acontecer, o romance cumprirá sua missão. (SACOLINHA, 2010, p. 11).

À palavra é, então, concedido o lugar para a luta social. Nesse sentido, o romance inscreve-se como ferramenta de ação e não apenas de realização da arte, já que é veículo de denúncia, traço compositivo do projeto literário marginal; igualmente como a Literatura de testemunho, conforme apresentado anteriormente por Salgueiro (2015).

Nesse sentido, a literatura marginal é um espaço de resistência que “[...] na contramão dos núcleos e das imagens hegemônicas, toma a palavra para de um lado construir uma identidade e um lugar próprios e, de outro, produzir um discurso no qual o próprio excluído narra a sua história, ou seja, sua vivência marginalizada” (BRANDILEONE, 2016, p.135). Sob esta perspectiva, pode-se afirmar que a literatura

marginal vai muito além de um exercício propriamente estético, porque também político, visto estar engajada a um projeto de transformação social.

Considerando que a atuação dos escritores marginais não se dissocia da participação política, que implica sempre em uma atitude de intervenção na realidade, destinando atenção à realidade de vulnerabilidade social e de violência sofrida pelos grupos periféricos. Nesse contexto o testemunho do trauma, aqui representado pelas agruras sofridas e presenciadas no Terminal Corinthians-Taquera, objetiva expor a ferida para resistir ao trauma mas, para tanto, revive a dor das lembranças e as traduz em palavras. Portanto, o valor do testemunho não está na sua capacidade de ser comprovado, pois fala e narra o encontro com o trauma, o encontro com as experiências do corpo que sofre, o que implica em trabalhar com o passado catastrófico e com as feridas do passado de desastres.

REFERÊNCIAS

- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. A literatura marginal e seus mecanismos de legitimação e consagração. *Revista Boitatá*, Londrina: EDUEL, n. 21, p. 128-141, jan-jun 2016.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das letras, 2002. p. 118-135.
- CORONEL, Luciana Paiva. Texto e paratextos em duas edições de *Capão Pecado*: Diferentes versões do testemunho. In: Seminário Internacional de História da Literatura, X., 2013, Rio Grande do Sul. *Anais...* Rio Grande do Sul, 2013.
- ESLAVA, Fernando. Villarraga. Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita, *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília: no 24, p. 35-51, jul-dez.2004.
- GUINSBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. In: *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: EDUSP, 2012.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Sacolinha e o romance Graduado em marginalidade. In: *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- PATROCÍNIO, Paulo Roberto. Tonani. *Escritos à margem*: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras; FAPERJ, 2013.
- PENNA, João Camilo. O sujeito carcerário. In: *Escritos da sobrevivência*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p. 137-160.
- _____. Fala Rigoberta! In: *Escritos da sobrevivência*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- SACOLINHA. *Estação Terminal*. São Paulo: Nankin; Secretaria de Cultura, 2010.
- SALGUEIRO, Wilberth. Trauma e resistência na poesia de testemunho do Brasil contemporâneo. *Revista Moara*, Guamá: p. 120-139, 2015.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003. p. 45-56.

_____. Testemunho da Shoah e Literatura. *Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte: v.1, n.1, out. 2007.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik O sujeito em cena. In: *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009, p. 105-120.

Ana Paula Franco Nobile Brandileone

Realizou a graduação (1995), o mestrado (2000) e o doutorado (2005) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Assis. Atua como docente na Universidade Estadual do Norte do Paraná, campus de Cornélio Procópio, bem como no PROFLETRAS. Membro do grupo de pesquisa CRELIT, vinculado à UENP, campus de Cornélio Procópio, no qual desenvolve o projeto de pesquisa "A representação de territórios marginais na ficção brasileira contemporânea: crítica literária e práticas de letramento". Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: recepção crítica, revisão crítica, ficção de 30, literatura comparada, literatura brasileira contemporânea, educação literária, literatura e ensino. Possui dois livros publicados pela Editora AnnaBlume: o primeiro editado em 2006, "A recepção crítica de O amanuense Bemiro, de Cyro dos Anjos (1937)"; e o segundo, em 2010, "As leituras de O amanuense Belmiro: da crítica jornalística à crítica universitária". Em parceria com Vanderléia da Silva (UENP-CCP) organizou os livros "Instâncias de legitimação: processos de recepção e crítica literárias" e "Desafios contemporâneos: a escrita do agora".

Anna Karla Veiga

Graduanda em Letras – Português e Inglês desde o ano de 2015, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Desenvolveu pesquisas de Iniciação Científica ligadas ao projeto "A representação de territórios marginais na ficção brasileira contemporânea: recepção crítica e práticas de letramento", coordenado pela Prof.^a Dr.^a Ana Paula Franco Nobile Brandileone.